

## ENTRE O DESLOCAMENTO E A RECOLOCAÇÃO CULTURAL, UM OLHAR CRÍTICO E CÔMICO DE ABBA T. MAKAMA NO FILME “*THE LOST OKOROSHI*”<sup>1</sup> (2019)

BETWEEN DISPLACEMENT AND CULTURAL RELOCATION, A CRITICAL AND COMIC LOOK BY ABBA T. MAKAMA IN THE FILM "THE LOST OKOROSHI" (2019)

Isabelle de Oliveira Ferreira<sup>2</sup>

### RESENHA DO FILME:

MAKAMA, Abba T. *The Lost Okoroshi*. Direção: Abba T. Makama. Produção de Abba T. Makama, Rimini Makama. Nigéria: Nollywood, 2019.

### INTRODUÇÃO

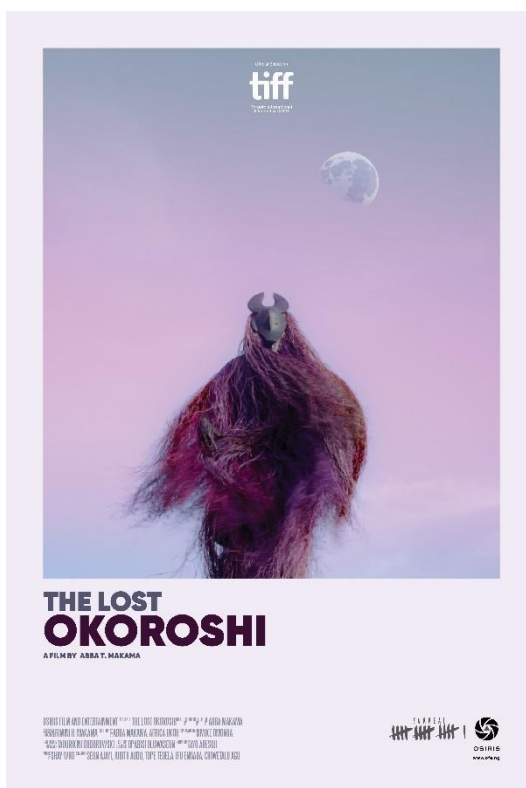
Na busca por repensar os grandes desdobramentos coloniais nas subjetividades individuais e coletivas, e como ela impacta nas narrativas, visualidades e epistemes, construir novas formas de crítica e confronto a partir de ferramentas visuais, como o audiovisual, vem tornando-se um caminho. Junto a isso, esse instrumento inserido na indústria da cultura de massa, carrega um caráter dicotômico sobre aquilo que se é apresentado e a partir de qual anunciador. Esse caminho agrega um território visual perpassados por máculas profundas sobre as produções culturais, materiais e imateriais daqueles denominados “outros”. Esses, que segundo Hall (HALL, 2016) são moldados dentro de lógicas binárias, como cultura/ natureza - branco/ preto, que reforçam e erguem estereótipos e seus regimes de representação. Na construção do estereótipo quatro elementos estão embricados, a construção da alteridade, a exclusão, o poder, a fantasia e o fetichismo. Esses aspectos cooptam, apropriam e negam esses indivíduos nomeado de “outros”, em detrimento de uma exaltação e assimilação cultural europeia dominante (SHOHAT e STAM, p. 22).

Assim, cada vez mais agentes do sul global vem reivindicando o espaço do protagonismo em apresentar e enunciar suas histórias. Nesse sentido, destacando as potencialidades e os processos de revisão que são construídos nesses territórios às margens (bell hooks, 2019;p.293) e com eles, novas

<sup>1</sup> The Lost Okoroshi - O Okoroshi perdido (tradução da autora)

<sup>2</sup> Bacharela em História (UFPE). Mestranda da Pós-graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT/ UFF).

formas de compreender movimentos complexos que permeiam o tradicional e o contemporâneo, esta resenha pouca o olhar sobre um filme da indústria cinematográfica nigeriana, conhecida como "Nollywood". "The lost Okoroshi", filme de 2019, dirigido pelo cineasta Abba T. Makama apresenta uma história cômica e envolvente, em que o cotidiano da Nigéria contemporânea se torna ponto fulcral para o desenvolver do drama. Nele, questões que envolve as influências europeias, as tradições ancestrais e a construção sociocultural dos sujeitos nesse território dão corpo a produção.



Post do filme “The Lost Okoroshi”, Abba T. Makama (2019)<sup>3</sup>

No intuito de levantar indagações como: quem somos, para onde estamos indo e o que está acontecendo socio culturalmente, Abba T. Makama, nos insere em relações em que o lugar do tradicional na Nigéria contemporânea se faz presente. Entre o deslocamento e a recolocação cultural, são aspectos discursivos observados no filme e pertinentes para a análise dessa produção. O primeiro elemento é colocado como responsável pelo desequilíbrio na consciência nigeriana em geral, fazendo com que os indivíduos rompam com os seus modos de viver em busca do encaixe no contexto corporativo, capitalista e ocidental engendrado no território. O segundo agrega uma solução encontrada por um dos personagens do filme, em que a recolocação cultural se torna um esforço consciente e inconsciente para que haja uma coexistência entre o tradicional e o contemporâneo.

<sup>3</sup> Imagem acessada em 20 de junho de 2023: < O Okoroshi Perdido (2019) - IMDb >

## RAYMOND E O *OKOROSHI*: CAMINHOS E IMPACTOS DE UM DESLOCAMENTO CULTURAL

“Na noite passada, não consegui fazer com que os mascarados que estavam na minha cabeça parassem de dançar. Eles dançaram por horas, sem parar. Notei que não era uma dança comum. Era uma mensagem. Uma mensagem de nossos antepassados.” (MAKAMA, Abba T, 2019 - Fragmento do filme)

O filme "*The Lost Okoroshi*" destaca-se não apenas por suas características nollywoodianas, mas também pelo novo realismo nigeriano que tem chamado a atenção de cinéfilos ao redor do mundo. O filme não apenas foi exibido em diversos festivais nacionais e internacionais, mas encontra-se também disponível em plataformas de streaming, ressaltando a preponderância dessa indústria cinematográfica.

Ele destaca o espaço urbano como um local não apenas de realismo social, mas também de construção crítica que aborda as diversas realidades presentes em todo o território nigeriano. Com a ascensão das plataformas de streaming, como a Netflix, que tem agregado títulos de Nollywood desde 2015, é possível avaliar o impacto do papel dos meios de comunicação como espaços que permitem compreender a potencialidade das narrativas cinematográficas produzidas fora do eixo eurocêntrico por indivíduos do sul global.

O filme de Abba T. Makama vai além de apresentar elementos de um realismo social, provocando uma reflexão sobre conceitos como tradição e modernidade, os quais foram tão solidificados pela perspectiva ocidental. A narrativa começa com o protagonista, Raymond, sonhando que é levado para um ambiente fora do espaço urbano, onde ele observa diversos espíritos ancestrais e uma mistura de elementos materiais e imateriais, como máscaras, vestimentas e sons. Esses elementos são apresentados em forma de espetáculo. Em seguida, o sonho de Raymond se transforma em um momento em que ele é perseguido por um ancestral específico, o *Okoroshi*. A cada vez que esse ancestral se aproxima para tocá-lo, ele acorda assustado e ofegante.

Esse devaneio acompanha Raymond durante quase todas as noites, chegando ao ponto em que sua esposa sugere que ele procure a ajuda de um pastor para lidar com suas tormentas noturnas. A casa do personagem está repleta de elementos cristãos, o que parece reforçar essa influência colonizadora. Além disso, a figura da esposa de Raymond gera tensão, medo e julgamento, intensificando imaginários eurocêntricos que levaram ao epistemicídio e à demonização dos modos culturais tradicionais.

Por outro lado, o personagem secundário, chamado de "*chief*", representa a tradição oral na forma de um *griot*, sendo o elo com o conhecimento ancestral e cultural. Raymond ao apresentar o sonho e os medos que perseguem, "*chief*" o aconselha, usando a oralidade para falar com os ancestrais mascarados. Ao mesmo tempo, esse personagem também representa uma crítica à negligência em

relação ao espaço urbano, ao avanço tecnológico e à perda do respeito pela sabedoria e longevidade dos indivíduos.

"Chief" narra sua própria história, contando que foi demitido devido a um acidente em sua perna na indústria em que trabalhava, pois não servia a lógica capitalista ali presente. Ele passou então a viver das provisões daqueles ao seu redor e a utilizar seus conhecimentos como herbalista. Raymond inicia seu processo de deslocamento cultural por meio dessas narrativas orais, ora o escutando e respeitando, ora desconfiando e adicionando um toque cômico ao que o ancião dizia.

Embora Raymond respeite a decisão de "chief" de não ir ao "hospital dos brancos", percebe-se uma mistura de desconfiança e comicidade por parte do personagem principal quando "chief" afirma que não irá ao centro médico, atribuindo a demora em sua própria cura ao descaso urbano que testemunha ao seu redor.

“Cansei da cidade. Cansei dessa cidade porque há poluição em todo lugar. Afetou até o plantio espiritual, os espíritos estão perdendo seus poderes. Há atrocidades em todo canto. Sequestros, estupros e roubos. Tudo isso impede que os espíritos se manifestem. Até nossas ervas, que poderiam curar doenças comuns perderam sua força” (MAKAMA, Abba T, 2019 - Fragmento do filme).

Apesar de debilitado, "chief" permaneceu decidido e não cedeu à busca por sua recuperação através da medicina ocidental. Ele encerra sua jornada de vida ao envenenar-se, mas antes disso, teve uma última conversa com Raymond na qual deixou um conselho significativo sobre seu sonho. Ele diz: “Sempre que ver um mascarado chegando, não corra. Fique e dê um abraço nele. Aqueles mascarados são nossos ancestrais. Eles devem ter algo bom para te contar, sobre seu presente e sobre seu futuro. Trate-os como nossos antepassados” (MAKAMA, Abba T, 2019 - Fragmento do filme).

Assim, seguindo o conselho do ancião e na tensão da fuga, Raymond se vê novamente sendo perseguido pelo mascarado em seu sonho. Contudo, em um momento de calma e descoberta, ele decide se aproximar e abraçar o *Okoroshi*. Nesse instante, ocorre uma nova mudança que o transporta para um espaço onde "chief" está presente para contar a história desse ancestral. Narrando a história na língua Igbo, "chief" relata a saga desse espírito ancestral. Enfatiza que o *Okoroshi* é um ancestral que traz boa sorte para as pessoas boas e má aos malfeitores. E, como parte de um processo iniciático, ele coloca a máscara do *Okoroshi* em Raymond que, ao acordar em sua casa percebe que já não é mais um simples homem, mas o próprio ancestral.

Essa transformação em terra marca a conclusão do descolamento e o início de um novo movimento que nos convida a refletir sobre nossa preparação para lidar com as tradições ancestrais caso elas se manifestem em nossa vida diária contemporânea. Como nos sentiríamos diante disso? Surgiriam sentimentos de aproximação ou medo? Seríamos impulsionados em direção ao campo tecnológico? Seria possível obter lucro com essa presença? E onde estariam os limites entre a crença

e o poder? Embora Makama não aborde explicitamente essas questões, elas são deixadas como reflexão a partir do elemento ficcional e cômico da entrada do *Okoroshi* na cena da Nigéria contemporânea.

### **OKOROSHI E A NIGÉRIA CONTEMPORÂNEA: ESTRATÉGIAS TURVAS DE UMA RECOLOCAÇÃO CULTURAL.**

“Qualquer tribo, ou clã, ou grupo étnico, ou qualquer país, até os EUA, país dos homens brancos, não pode existir sem seu povo. Portanto, qualquer terra onde uma comunidade Igbo estiver reunida é uma terra Igbo.” (MAKAMA, Abba T, 2019 - Fragmento do filme)

Ao incorporar o *Okoroshi* à trama, diversos questionamentos são abordados, inclusive os mencionados anteriormente. No entanto, a presença desse personagem ancestral também revela a influência da cultura ocidental nos pensamentos e linguagem. Essa influência se entrelaça com a perspectiva da esposa de Raymond ao deparar-se com o *Okoroshi* ao seu lado, em vez de seu marido. Inicialmente, a personagem sente desespero, demonizando o ancestral e apelando ao deus cristão para trazê-lo de volta. Essa postura reforça o caráter produtivo da ideia ocidental de incorporar formas de falar, pensar e agir como ferramentas de dominação, obscurecendo outras concepções de mundo e modos de vida.

Após a fase inicial de reconhecimento e aceitação, a companheira do protagonista embarca em uma jornada, levando-o a hospitais, igrejas e seu local de trabalho. Esses caminhos são marcados por olhares de negação, medo e terror daqueles que cruzam com o *Okoroshi* nas movimentadas ruas de Lagos. Essas atitudes e o primeiro contato do espírito ancestral com a esposa de Raymond conectam-se a uma "política da diferença" (MBEMBE, 2018b; p. 97). Esse conceito reforça a falta de compartilhamento de um mundo comum, onde os olhos que permeiam a vida ao redor do continente sempre definem esse pulsar humano como algo não humano. É sempre a vida do outro, de pessoas de um lugar distante e totalmente desprovidas de civilidade e humanidade.

Assim os laços entre seres semelhantes são abalados pela presença do *Okoroshi*, não há mais partilha de um mundo comum entre a esposa e Raymond. O sentimento dela ressalta a diferença e o descrédito frente ao que aquele ancestral representa, algo que leva a quebra total do vínculo construído e a afirmação de não partilha de um mundo comum. Com esse entendimento e como um sopro, o *Okoroshi* libertar-se e inicia sua caminhada livremente pelas ruas, mercados e espaços diversos da Lagos contemporânea. Nesse sentido, esse misto de perda identitária que autoriza a posse, o ancestral releva sua verdadeira forma, aquilo que Mbembe irá ressaltar como a verdadeira natureza do fetiche, uma metamorfose que revela o devir-forma da força e o devir-força da forma (MBEMBE, 2018b; p. 100).

Munido desses devires transformados, o Okoroshi perambula por Lagos, encontrando reconhecimento em diversos lugares, especialmente no mercado. O mercado é um território que envolve relações de troca e entretenimento, além de representar um espaço de contínuo fluxo de tradições e suas ressignificações. É nesse ambiente que o ancestral coloca em prática todas as dimensões possíveis que sua forma e força podem proporcionar. Ele se manifesta plenamente, explorando todas as potencialidades de sua existência.

No limiar da narrativa, torna-se relevante a inserção dos personagens da prostituta e do ladrão. A prostituta, enquanto exercia sua profissão, é enganada por um cliente, que acaba sendo punido pelo *Okoroshi*. Por outro lado, o ladrão, após cometer um roubo, é também punido pelo espírito ancestral, o que leva a queixas direcionadas ao personagem Jagar, um homem que possui uma conexão com os "espíritos do submundo" e é capaz de impedir os caminhos do ancestral em terra. Ambos os casos destacam o senso de justiça que permeia o *Okoroshi*. Independentemente da profissão ou ação cometida, o espírito ancestral age como um agente de punição, trazendo consigo um sentido de justiça que transcende os limites sociais e morais estabelecidos.

Há um olhar pertinente de Makama entre as conexões proporcionadas pelo mercado ao espírito ancestral. Essas abrangem o entretenimento, a tecnologia, a tradição e a tentativa de enquadrá-lo numa perspectiva contemporânea ocidental. Três personagens desempenham papéis importantes nesse contexto: Willy-Willy, os membros da "*Igbo People Secret Heritage Restoration and Reclamation - IPSSHRR*" (Sociedade Secreta do povo Igbo para o Restauo e Recuperação das Tradições – tradução da autora) e o doutor.

Willy-Willy, representa o entretenimento e a interação com o espírito ancestral, buscando aproveitar suas habilidades e características para fins recreativos e comerciais. Já os membros da IPSSHRR buscam preservar e revitalizar as tradições ancestrais, procurando incorporar o *Okoroshi* em seus rituais e práticas. Por fim, o doutor apresenta a perspectiva científica ocidental, tentando compreender e enquadrá-lo por vias de uma metodologia científica ligada a psique.

Essas conexões revelam os diferentes modos pelos quais o mercado influencia e interage com o espírito ancestral, abrangendo tanto o aspecto comercial quanto o esforço para manter vivas as tradições culturais. No entanto, também há uma tensão entre essas abordagens, com o viés científico ocidental entrando em conflito com a compreensão e a representação mais autêntica das tradições ancestrais.

Willy-Willy se depara com o *Okoroshi* no mercado e testemunha como as pessoas, movidas pelo respeito e pela busca por riquezas, jogam dinheiro pelo caminho do ancestral. O jovem Willy, ao acompanhar essa cena e recolher o dinheiro que é lançado e percebe a possibilidade de lucrar com

um espetáculo próprio. Surgem ideias de abrir um negócio de entretenimento com o mascarado e de inseri-lo no mundo digital.

No entanto, é importante ressaltar que essas falas não visam exaltar a verdadeira força e forma do ancestral, mas sim espetacularizar uma tradição e lucrar com o exotismo que esses momentos representam. Essa leitura se aplica tanto à sociedade contemporânea nigeriana quanto ao espaço digital, influenciado pelas perspectivas ocidentais. Assim, o personagem propõe uma estratégia de marketing e divulgação do *Okoroshi* nas redes sociais, utilizando-o como uma figura de apelo comercial e sensacionalismo.

Essa abordagem revela como o mercado e a cultura do entretenimento podem distorcer e explorar tradições ancestrais, transformando-as em espetáculos comerciais para atrair público e obter lucro. Essa distorção é reflexo da busca por exotismo, negligenciando a autenticidade e o respeito à essência cultural do *Okoroshi*. Willy, por sua vez, utiliza a figura do meme como estratégia de marketing, que de forma cômica e sarcástica faz uma comparação depreciativa entre o deus nórdico Thor e o ancestral divinizado Xangô.

O meme apresentado traz uma imagem na qual a figura tradicional ligada a Thor é contrastada com um homem negro em trajes tradicionais, possivelmente associado a Xangô. A frase “*The difference between Thor and Shango is packaging*” (“A diferença entre Thor e Shango está na embalagem” – tradução da autora) enfatiza a ideia de que a percepção e a valorização das divindades são influenciadas pela forma como são representadas, uma categorização eurocêntrica de compreensão sobre o “outro” por meio da incorporação das tradições e representações (HALL, 2016; p.22). Embora Willy-Willy tenha ideias mirabolantes de lucro e riqueza, o *Okoroshi* enxerga nele a busca por superação diante da dura realidade enfrentada pelo garoto nas ruas de Lagos.

A segunda atuação que merece atenção neste ensaio é a dos sacerdotes e membros da “*Igbo People Secrety Heritage Restoration and Reclamation - IPSSHRR*” (Sociedade Secreta do povo Igbo pelo Restauo e Recuperação das Tradições – tradução da autora). Como uma sociedade secreta responsável por salvaguardar e recuperar as tradições da sociedade Igbo, eles ficam curiosos com a presença do *Okoroshi* em Lagos e elaboram um encontro não tão amistoso com o espírito ancestral. Esse que começa com o sequestro do ancestral para sua sede, local que buscam oferecer todas as honrarias necessárias. Ofertas, alimentos e bebidas são colocados à sua frente como forma de agradá-lo e contê-lo diante daqueles que o saúdam. No entanto, entre as glórias e júbilos exaltados pelos membros da sociedade secreta, surgem disputas de interesses relacionados às tradições.

Nesse sentido, três sacerdotes discutem sobre onde o *Okoroshi* deve permanecer e ser cultuado. A frase que inicia a segunda parte dessa resenha é proferida, trazendo consigo a tentativa de considerar o trânsito do ancestral e de outros que cruzaram, inclusive, o Atlântico, como elementos

de uma tradição viva e em constante transformação nas diversas manifestações religiosas e espirituais ao redor do mundo. Isso ressalta a importância de reconhecer a dinâmica das tradições e a sua conexão com diferentes contextos culturais.

No entanto, o que se desenha a seguir são possibilidades de negociações, com ênfase na projeção e no poder entre diferentes territórios. Novamente, os recursos tecnológicos são mencionados como meios de conexão e aproximação com os lugares em que a presença física do *Okoroshi* não é viável. Nesse momento, falta a abordagem dos aspectos rituais e espirituais que envolvem a presença do ancestral entre seu povo, o que leva o cineasta a nos questionar até que ponto, na contemporaneidade, o poder e o espetáculo são supervalorizados e hierarquizados em relação aos aspectos intrínsecos da espiritualidade de um coletivo ou indivíduo.

Isso nos leva a refletir sobre a importância de manter a integridade espiritual e ritual de uma tradição, em vez de transformá-la em um espetáculo comercial ou objeto de negociação capitalista. O cineasta nos convida a repensar as prioridades da sociedade contemporânea, valorizando os aspectos espirituais e coletivos em detrimento do poder e espetáculo vazios.

A última atuação a ser destacada é a tentativa incrédula e cientificista do personagem "doutor" em encontrar explicações para as manifestações dos mundos espirituais que se manifestam no mundo físico no caos da vida urbana nigeriana. Como psicólogo, ele percebe um deslocamento espiritual e cultural em curso na Nigéria contemporânea, que está causando um desequilíbrio na consciência da população. Nesse contexto, o doutor compreende que há um deslocamento no campo da psique, que se reflete nos sonhos de Raymond e de alguns pacientes. Ele defende a necessidade de um realinhamento cultural para o despertar consciente e inconsciente da espiritualidade tradicional que sempre esteve simbioticamente presente nas realidades socioculturais. Esse realinhamento lembra que, mesmo diante da cristalização conceitual imposta pelo colonialismo, as culturas tradicionais africanas são fluidas, plásticas (NASCIMENTO, Abdias do. 2019; p. 56).

Isso é evidenciado nas pequenas coisas do cotidiano contemporâneo, como mencionado pelo personagem no filme: "Vemos pessoas retornando às práticas tradicionais perdidas, vemos uma Nigéria corporativa em busca de uma identidade africana corporativa, até mesmo em detalhes triviais, como o uso de abadas e bubás em vez de ternos (MAKAMA, Abba T, 2019 - Fragmento do filme)." Essa abordagem do doutor ressalta a importância de reconectar-se com as raízes culturais e espirituais, reconhecendo sua fluidez e adaptabilidade, mesmo no contexto globalizado. É um chamado a valorização e revitalização das tradições esquecidas, encontrando uma identidade autêntica que abrace tanto o legado cultural quanto as demandas do agora.

Esse processo de "africanização" que se espalha do continente para outras partes do mundo representa uma dinâmica que visa reverter o impacto dos elementos de negação e apagamento que



foram impostos sobre essas práticas culturais. A busca por tal identidade em curso, reflete um chamado à reparação, restituição e justiça para esses indivíduos em seus territórios (MBEMBE, 2018b; p.104). É uma tentativa de resgatar e valorizar as tradições, conhecimentos e expressões culturais que foram marginalizadas e subjugadas ao longo da história. Esse movimento busca restabelecer o equilíbrio, promovendo uma maior compreensão e valorização das contribuições desses grupos para a diversidade e riqueza do patrimônio cultural global.

Mesmo destacando a necessidade desse processo de recolocação, quando questionado sobre o caso do Raymond, “o doutor” não hesita em colocar essa experiência espiritual em particular no campo de um “estado psicoespiritual desequilibrado”. Assemelhando-o a casos dispare e cruéis (como os esfaqueamentos do Slender Man e os assassinatos do Filho de Sam, ambos no Estados Unidos) frente à presença do *Okoroshi* naquela realidade. Mais uma vez, o olhar ocidental opera como elemento de significado e representação que visa trazer uma semelhança turva e violenta. Fazendo-nos questionar até que ponto as tessituras científicas auxiliam na compreensão das realidades outras ou afirmam estereótipos construídos por visões eurocêntricas frente às realidades estudadas.

O fim dessa ficção cômica de Makama aborda a figura do ladrão como alguém que rouba a essência ancestral da terra. Após sofrer as consequências de seu roubo, o personagem confessa a Jagar, um poderoso homem considerado como tendo ligações com o "submundo espiritual", sobre a intenção do *Okoroshi* de punir os ladrões naquela região. A vingança de Jagar a favor dos ladrões que o servem só é concluída quando ele enfrenta diretamente o espírito ancestral. Nesse momento, o *Okoroshi* é incapaz de reagir diante da força jovem, vigorosa e decidida de Jagar, que, protegido pelos poderes do "submundo", o fere fatalmente. Como uma fumaça no céu, o espírito ancestral se dissipa em busca de outro lugar. Essa cena nos leva a questionar se essa representação da força do submundo não seria a própria contemporaneidade que sugam os saberes ancestrais, que ainda perambula visivelmente pela esfera urbana de Lagos.

## CONCLUSÃO

Na estréia de “*The lost Okoroshi*”, no Festival Internacional de Toronto em 2019, Abba T. Makama evidencia sua intenção de levantar questionamentos sobre as dinâmicas do cenário nigeriano contemporâneo e as tradições que transcendem esse espaço, ao invés de simplesmente fornecer respostas. Assim, o filme nos leva a mergulhar em um cenário permeado pela tradição, que está viva e em constante processo de resignificação e aproximação com as novas gerações, tornando-se uma obra que dialoga entre o agora e o passado de forma espiralada. Através dos diversos personagens envolvidos no drama, somos levados a refletir sobre os múltiplos braços que sustentam o devir contemporâneo ocidental frente o cotidiano nigeriano.

Assim, Makama metaforicamente aciona essa questão visual e poeticamente no desfecho do filme, ressalta que a tradição ancestral é como fumaça, que se dissipa e cria sua própria forma, possuindo seu próprio ritmo e maneira de interagir com a circularidade do tempo. Isso nos convida a repensar nossas concepções ocidentais e a reconhecer a importância de entender e respeitar as tradições que transcendem o viés capitalista, cientificista e ideológico imposto pelo olhar dominante.

## REFERÊNCIAS

- BBC Talking Movies: *The lost Okoroshi Full segment*, 2019. 1 vídeo (4min:59seg). Publicado pelo canal Osiris Creatives. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bh2qBDOBpiA> . Acessado em 02 de novembro de 2021.
- Culture Diaries meets filmmaker Abba T Makama*, 2017. 1 vídeo (18min:42seg). Publicado pelo canal WanaWana Udobang. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gv0d6Q5jtfQ>. Acessado em 02 de novembro de 2021.
- HALL, Stuart. O espetáculo do outro. In: HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio: Apicuri, 2016. Cap. 2 – p. 139- 246.
- HALL, Stuart. *O Ocidente e o resto: discurso e poder*, São Paulo, n. 56, pp. 314-361, Mai.-Ago. 2016.
- HOOKS, Bell. *Anseios: raça, gênero e política cultural*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- How 'The Lost Okoroshi' unmasks the disconnect between tradition & modernity*, 2020. 1 vídeo (7min:33seg). Publicado pelo canal Guardian Nigeria. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6O\\_P8nLSAmE](https://www.youtube.com/watch?v=6O_P8nLSAmE) . Acessado em 02 de novembro de 2021
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018b.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo: Documentos de uma militância panafricanista*. Editora: Perspectiva; 3ª edição (12 março 2019).
- Native Exclusive: Into the mind of surreal 16 filmmaker, Abba T. Makama* – Portal Native - Disponível em: <https://thenativemag.com/surreal-16-filmmaker-abba-makama/>. Acessado em 02 de novembro de 2021.
- SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.